

Corpo, sociedade e meio ambiente: as camadas de um simples fenômeno natural

Por Carolina Pera



A educação para uma menstruação sem desperdício pode se tornar uma agenda da família e da escola para que as pessoas possam escolher qual método usar. / Foto: Yasmin Victorino

Milhares de pessoas menstruam todos os dias, em todos os lugares desde o surgimento do primeiro *homo sapiens* e, ainda assim, a menstruação permanece como um assunto marginalizado. Quando bem compreendido e administrado, pode ser potência em aspectos psicológicos, emocionais, de ordem prática e econômica na vida de uma pessoa ou, ao contrário, caso negligenciado pode se tornar um grande fardo, com impedimentos reais de desenvolvimento.

A história da marca **EcoLógica Abs** é atravessada por processos pessoais, sociais e ecológicos porque nasceu em um momento onde senti a necessidade de saber sobre todas as fases de desenvolvimento de um produto artesanal. O lance era oferecer alternativas ecológicas a fenômenos fisiológicos, porque, a parte as questões do lixo sob responsabilidade do poder público, também há de se resolver a produção de resíduo doméstico com um pouco de interesse, informação, boa vontade e criatividade individual. A marca é resultado de esforços familiares para suprir a demanda do orçamento doméstico e satisfação pessoal. O desejo era fazer algo bom, bonito e barato, em casa enquanto cuidava da minha nenê de quase 2 anos.

Em 2017, na busca por alternativas percebi a completa ausência de produção local e artesanal de absorventes e calcinhas menstruais reutilizáveis. Assim, iniciei a fase de testes de matéria-prima para absorventes, tamanhos, possíveis defeitos, relatos, perfil do público-alvo, abordagens e custos. A comercialização começou em 2018 e a **EcoLógica Abs** alcançou um produto artesanal, 100% algodão, de longa duração e excelente em qualidade e performance, como também, desenvolvemos estratégias que reduzem o impacto ambiental da produção. Percebemos que uma compra média de quatro a seis absorventes é suficiente para pelo menos quatro anos de ciclos mensais, podendo reduzir a zero o lixo menstrual.



Uma pequena coleção, quatro a seis absorventes higiênicos ecológicos são suficientes para pelo menos 4 anos de menstruação e uma economia de pelo menos R\$ 1.200 em plástico. / Foto: Yasmin Victorino

Hoje a marca já vendeu cerca de 6 mil unidades em absorventes e constatamos o grande interesse das pessoas em abolir os descartáveis da fase de sangramento do ciclo menstrual, além dos relatos de satisfação e felicidade ao entrarem em contato íntimo com o corpo e com a subjetividade cíclica de maneira autônoma e limpa. Assim, explorando o tema e suas questões, inevitavelmente encaramos o problema da pobreza menstrual.

Falta educação e sobra tabu

A pobreza menstrual

A pobreza menstrual é um conceito que reúne em duas palavras um fenômeno complexo, transdisciplinar e multidimensional vivenciado por meninas, mulheres e homens trans devido à falta de recursos, infraestrutura e conhecimento para que tenham plena capacidade de cuidar da própria menstruação.



Relatório do UNFPA e UNICEF traz um panorama alarmante da realidade menstrual vivida pelas meninas brasileiras. / Foto: unicef.org

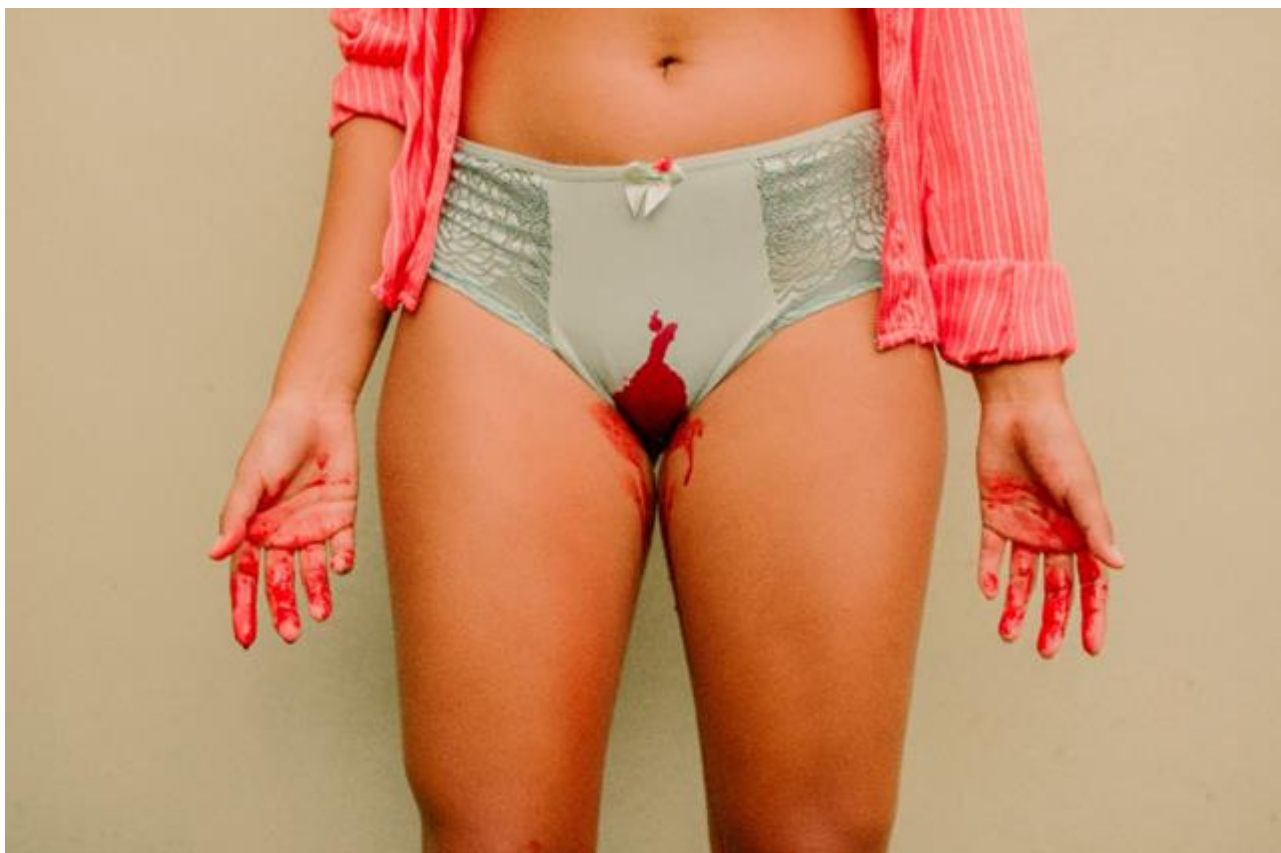
Um indício alarmante sobre a marginalização do tema nas pautas públicas são os dados obtidos pelo Fundo de Populações das Nações Unidas no “Relatório da Pobreza Menstrual no Brasil - Desigualdades e violações de direitos – UNICEF. Esse relatório

utilizou o banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e joga luz em um cenário preocupante marcado pela desigualdade de gênero, raça, região, classe social e por ser intergeracional, ou seja, problema que se repete geração após geração, retroalimenta o ciclo da pobreza.

A pobreza menstrual e fatores associados:

- falta de acesso a produtos adequados para o cuidado da higiene menstrual tais como absorventes descartáveis, absorventes de tecido reutilizáveis, coletores menstruais descartáveis ou reutilizáveis, calcinhas menstruais, etc., além de papel higiênico e sabonete, entre outros;
- questões estruturais como a ausência de banheiros seguros e em bom estado de conservação, saneamento básico (água encanada e esgotamento sanitário), coleta de lixo;
- falta de acesso a medicamentos para administrar problemas menstruais e/ ou carência de serviços médicos;
- insuficiência ou incorreção nas informações sobre a saúde menstrual e autoconhecimento sobre o corpo e os ciclos menstruais;
- tabus e preconceitos sobre a menstruação que resultam na segregação de pessoas que menstruam de diversas áreas da vida social;
- questões econômicas como, por exemplo, a tributação sobre os produtos menstruais e a mercantilização dos tabus sobre a menstruação com a finalidade de vender produtos desnecessários e que podem fazer mal à saúde;
- efeitos deletérios da pobreza menstrual sobre a vida econômica e desenvolvimento pleno dos potenciais das pessoas que menstruam.

A resposta ecológica para questões sociais



Desde 2014 la Organización de las Naciones Unidas (ONU) considera la dignidad menstrual como un derecho humano fundamental y, por lo tanto, debe ser prioridad de aquellos capaces de resolver en todos los niveles de organización pública: municipal, departamental y nacional. / Foto: Yasmin Victorino

Descobrimos que a frente comercial seria insuficiente e inadequada, chegando a não ser de bom tom sugerir publicamente uma única resposta ao problema da pobreza menstrual e da produção de lixo, mesmo com a narrativa legítima da preocupação com o meio ambiente e o autoconhecimento. Foi preciso uma abordagem pedagógica e profunda para o tema “Educação para a menstruação”, pois mesmo pessoas com acesso à informação e produtos lidam mal com seu ciclo menstrual e reproduzem desinformação e tabus através das gerações. Portanto, há de se tomar cuidado para não utilizarmos um discurso ambiental que ignora a realidade objetiva

das pessoas e seu contexto social. Situações diferentes exigem manejos diferentes da vida.

Tomando como exemplo as mulheres sem teto, em regiões de favelas ou em situação de cárcere, o manejo da menstruação com absorventes de tecido ou reutilizáveis não é funcional porque é preciso lugar para higienização completa (água, sabão, vento e sol) do material têxtil que deve ser feita de maneira muito simples, mas a nessas situações mesmo o simples não é possível. Nesses casos, a distribuição e educação para o uso correto dos coletores menstruais poderia facilitar e economizar na contratação de serviços de desentupimento hidráulico em delegacias e penitenciárias pois os absorventes plásticos são descartados na fossa e causando esse tipo de custo público recorrente, por vezes entupimentos semanais são constatados.

No entanto, é louvável que se incorpore cada vez mais tecnologias para o bem-estar das mulheres, mas é importante observar que, ao dar uma conotação negativa para a utilização de “pedaços de pano”, “roupas e meias como sintoma da pobreza menstrual, damos a impressão equivocada de que todos os produtos feitos de tecido com o fim de manejar a menstruação seriam ultrapassados, anti-higiênicos ou anacrônicos. Absorventes de tecido e calcinhas menstruais com design pensado para este fim (e não usos improvisados, como meias, roupas ou outros panos velhos dobrados) são soluções importantes (e reutilizáveis) para a garantia da higiene e saúde menstrual, reduzindo o problema do descarte de plásticos de uso único.

Estratégias para redução de resíduos na produção têxtil e distribuição dos absorventes ecológicos



Uma coleção privada com dez pensos higiênicos ecológicos de diferentes tamanhos e um copo para uma rotina menstrual sem desperdícios. / Foto: Yasmin Victorino

- Design quadrado para evitar resíduo têxtil, assim, o corte da metragem é feito como em um joguinho Tetris, são encaixadas umas nas outras.
- Malha de algodão orgânico certificado GOTS (*Transaction Certificate (TC) for textile processed according to the global organic textile standard*) e tingimento industrial sustentável a base de

folhas, cascas, galhos e sementes com redução do uso de água nesse processo.

- Os deslocamentos que envolvem produção e correio são feitos de bicicleta.
- O estoque é por demanda. Não produzimos excedente. Produção *just-in-time*.
- Parcerias em lojas colaborativas, feiras e bazares fortalecendo a economia solidária local e o consumo consciente de baixo impacto ambiental.

Em 2020 a Escócia se tornou o primeiro país do mundo a garantir os direitos relacionados a dignidade menstrual de milhares de meninas e mulheres, portanto, as autoridades locais agora têm o dever legal de garantir que itens como absorventes femininos e tampões íntimos estejam disponíveis para "quem precisar deles". A pobreza menstrual não é exclusiva de países com altos índices de desigualdade social e violência, em países como o Reino Unido e Canadá também há populacionais sem acesso a produtos adequados para reter a menstruação. No Brasil, mesmo com o veto do projeto de lei nacional estados como Rio de Janeiro, Brasília, Paraná, São Paulo, Ceará, Espírito Santo e Bahia protocolaram projetos de lei e nos estados do Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais já foram sancionados.

Uma das principais discussões versa sobre o uso de descartáveis como uma forma de cooptação da saúde menstrual pelo capitalismo e associações entre o poder público e empresas produtoras de plástico tóxico para resolver a pobreza menstrual sem levar em consideração a questão ambiental e o descarte de plásticos de uso único gerado pelo uso de absorventes descartáveis que é, sem dúvidas, uma questão muito relevante no cenário atual de

degradação ambiental, crise ecológica e sanitária. Além disso, a produção artesanal de absorventes de tecido é realizada localmente por micro empresas e artesãs autônomas, portanto, a compra desse produto alimenta diretamente a mesa de mulheres chefes de família, a economia local e solidária pois o dinheiro não passa por rotas de especulação financeira.

A solução para o tabu, a desinformação e a poluição é a educação para a menstruação e uma transição cultural que já vem acontecendo. Os plásticos menstruais são para uso pontual e emergencial, utiliza-los como rotina na vida de milhares de pessoas por décadas pode não resolver o problema da pobreza menstrual pois no primeiro corte de verba as pessoas voltam a mesma situação de não-acesso. Os absorventes descartáveis contaminam o meio ambiente e podem causar assaduras, alergias e candidíase quando usados indiscriminadamente.

É preciso popularizar a menstruação sem lixo com absorventes reutilizáveis, calcinhas menstruais e coletores junto com os descartáveis via políticas públicas para que as meninas e mulheres de todas as classes sociais possam aprender, escolher e serem autônomas no manejo de seu ciclo menstrual e não dependam de doações, afinal, as doações de produtos reutilizáveis precisam ser feitas somente uma vez.

Edição: Mirtha Amando Angulo

Colaboração: Rafael Ferreira, Anielly Oliveira, Carolina Gutiérrez, Ángela Gutiérrez, David González

Citação: Pera. 2022. *Corpo, sociedade e meio ambiente: as camadas de um simples fenômeno natural*. Revista Bioika, nona edição. Disponível em: <https://revistabioika.org/pt/transformando-o-mundo/post?id=139>